

A identidade profissional do repórter na voz de jornalistas “das antigas”: as experiências de Audálio Dantas e Ricardo Kotscho¹

Francisco de ASSIS²
Centro Universitário Fiam-Faam, São Paulo, SP

Resumo

Apresentamos, aqui, uma reflexão sobre a identidade profissional do repórter, figura que consideramos singular dentre as diversas atribuições conferidas aos jornalistas. A abordagem, focada em identificar elementos constitutivos dessa categoria emblemática, se baseia em observações acerca das trajetórias de dois profissionais brasileiros – Audálio Dantas e Ricardo Kotscho –, que iniciaram suas carreiras, respectivamente, nas décadas de 1950 e 1960. O trabalho se apoia numa combinação de procedimentos metodológicos de natureza qualitativa: de um lado, a perspectiva dos estudos sobre histórias de vida e a da análise da produção jornalística (newsmaking); e, de outro, as técnicas da entrevista e das pesquisas bibliográfica e documental. Pôde-se concluir que, na percepção dos depoentes, a imagem dos repórteres está intimamente associada a seus métodos de trabalho. Trata-se de sujeitos com disposição e condição para seguir ritual que lhes é próprio: o de sair a campo à procura de embasamento para revelar as tramas do cotidiano e de relatar essas histórias com dinamismo.

Palavras-chave: teoria do jornalismo; identidade profissional em jornalismo; práticas jornalísticas; jornalistas; repórteres.

Em busca do significado de ser repórter

Desde a pesquisa que realizamos para o doutoramento (ASSIS, 2014), estamos interessados em melhor compreender o lugar ocupado pelos repórteres no contexto das práticas jornalísticas. Naquele momento da formação pós-graduada, quando observávamos como o conceito de jornalismo diversional – conforme classificado por José Marques de Melo (2010) – ecoa nos fazeres, percebemos que esses sujeitos permanecem no centro do processo, sendo responsáveis por decidir e/ou cumprir uma série de ritos que dão sentido à prática da reportagem.

Finda a redação da tese, permanecemos atentos aos repórteres e, conseqüentemente, a seu espaço de atuação, tomando-os como um dos focos dos projetos que hoje desenvolvemos no âmbito do Mestrado Profissional em Jornalismo do Centro Universitário Fiam-Faam. A grande questão que se nos coloca, nesse esforço de investigação, é a demarcação do que diferencia os repórteres dos demais “tipos” de jornalista, não apenas do

¹ Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, durante o 16º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor do Mestrado Profissional em Jornalismo do Centro Universitário Fiam-Faam. Vice-coordenador do grupo temático (GT) Estudos sobre Periodismo, mantido pela Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic). e-mail: francisco@assis.jor.br

ponto de vista do cargo de que é investido, mas, também e principalmente, do tipo de trabalho que desenvolve. Melhor dizendo, temos discutido que ser repórter é mais do que exercer uma função em certo emprego. É, de fato, ocupar um lugar simbólico demarcado dentro do campo de disputas que se constitui o jornalismo, conforme o sentido proposto por Pierre Bourdieu (1997).

Aqui, em particular, voltamo-nos às experiências profissionais de dois notáveis jornalistas brasileiros, os quais compuseram o *corpus* de investigação de nosso trabalho doutoral³: Audálio Dantas e Ricardo Kotscho. Por meio da observação de aspectos singulares de seus percursos, narrados por eles próprios, buscamos sinalizar os elementos constitutivos da identidade do repórter.

Para encerrar esta breve introdução, vale explicar que este trabalho, assim como outros que temos recentemente apresentado à comunidade acadêmica, constituem-se numa espécie de travessia entre nossa atuação como discente e como docente no *stricto sensu*. Por essa razão, permitimo-nos recuperar a pesquisa de campo realizada para a tese, atualizando o que se coletou à luz das inclinações a que agora nos lançamos.

Explicações teórico-metodológicas

Em razão do pouco espaço de que dispomos, optamos, nesta comunicação, por não nos estender em discussões de base teórico-conceitual, pois não haveria como desenvolvê-las devidamente. No entanto, para não deixar de indicar nossos nortes, vamos pontuar brevemente alguns delineamentos conceituais, acrescentando a eles as orientações metodológicas que nos trouxeram até aqui. A saber:

- 1) Entendemos o *repórter* – quase sempre deixado de lado (ou anulado) nas pesquisas sobre a imprensa – como elemento fundamental para pensarmos o campo jornalístico. Consiste não só “na função que ocupa o maior número de vagas numa redação”, sendo “o ‘olho’ do veículo, o profissional que sai a campo para entrevistar pessoas, fazer pesquisas e checar informações”, mas também numa opção de carreira ou, até mesmo, de vida. Para muitos, trata-se do primeiro degrau da escada que, dentro das empresas jornalísticas, termina com os cargos mais altos, os do “topo da pirâmide”, ou seja, “diretores de redação, editores-chefes ou redatores-chefes”, dentre outras colocações semelhantes, “que coordenam o trabalho de toda a

³ Em nossa tese, foram exploradas as experiências de nove jornalistas: Audálio Dantas, Carlos Wagner, Consuelo Dieguez, Daniela Pinheiro, Eliane Brum, João Moreira Salles, José Hamilton Ribeiro, Ricardo Kotscho e Zuenir Ventura. Aqui, restringimos as anotações a dois deles por não haver espaço suficiente para os demais e por considerarmos importante dedicarmos-nos a cada um deles com minúcia e não apenas de modo sintetizado.

equipe” (JORNALISTA, 2006, p. 62). Para outros tantos, é uma atividade movida por um sentimento de paixão pelo trabalho exercido em campo (LOBATO, 2005, p. 7), ligado a uma “imagem romântica”, que, talvez não mais existente (ADGHIRNI, 2005, p. 47), ou pouco notada, ainda torna “mística” – ou mítica – a sua “figura” (SETTI, 1997, p. 86). O heroísmo atribuído ao jornalista é, quase sempre, relacionado exclusivamente à atuação do repórter, aquele que sai “em busca da verdade e da justiça, como nos filmes de Hollywood”. Praticamente, nunca se associam tão nobres virtudes à atuação daqueles que permanecem num ambiente “depreciativamente” chamado de “cozinha da redação”, isto é, nos postos de chefia, direção e/ou edição, como afirma Ricardo Setti (1997, p. 86-87): “É como se houvesse, num mesmo exército, os guerreiros e os intendentos, os valentes e os burocratas, os que arriscam a vida e os que, mesmo sendo generais, se espreguiçam, indolentemente, em cima de suas mesas, à espera de que a vida lá fora seja trazida pelo reportariado”. Por tudo isso, o termo “repórter” é utilizado, não raramente, como sinônimo para jornalista, sem que se pesem as devidas diferenças entre essa e outras funções. Nas palavras de Fernando Cascais (2001, p. 168), “é alguém que ‘empresta’ os seus sentidos a outros, que ‘representa’ o público ausente”. Um mediador, portanto. Faz a ponte entre os acontecimentos e o público em potencial de seu trabalho – leitor, ouvinte, telespectador, internauta –, que não esteve presente nos muitos lugares em que são suscitados. Um observador privilegiado. Sua missão é traduzir a complexidade do mundo e da vida em palavras (muitas vezes, poucas), sem perder a precisão, a relevância e seus elementos atrativos.

- 2) Compreendemos que o principal empenho do repórter é a construção da *reportagem*. Logo, suas ações e sua identidade perpassam pelas demandas dessa forma de expressão, ainda que haja divergências sobre sua classificação. Não entraremos neste mérito, aqui. Apenas devemos salientar que se trata, em nosso modo de ver, de *formato dinâmico*, capaz de transitar por mais de um gênero, a tomar pelo que concluímos em nossa tese. Seu dinamismo resulta da “observação” e da “experiência” do jornalista em relação ao mundo exterior. Incorporada “às tradições jornalísticas ocidentais” no final do século 19, conforme assegura Candice Vidal e Souza (2010, p. 82), a reportagem se dedica a contar histórias dos mais variados toques, sempre pelo prisma que consiste o olhar do repórter, por mais objetivo que ele tente ser, mantendo fidelidade a fontes e a dados apurados. Sua voz, nesse

formato, demonstra-se “soberana”, porque é “fio” que tece a história narrada, com base em “depoimentos recolhidos” (SOUZA, 2010, p. 114). Une, assim, objetividade e subjetividade numa só ação (FARO, 2013, p. 78). No entanto, adverte Cascais (2001, p. 168), “suas impressões transmitem-se ao público pelos factos que ele seleccionou, tratou e relata”, e “não pelas suas opiniões”, pelos seus julgamentos pessoais, os quais devem ser deixados de lado, quando da produção da matéria. Ou, nos termos de Claudio Abramo (1998, p. 112), o que se permite é a “mistura” de “fatos objetivos com impressões subjetivas”, mas “impressões subjetivas no plano sensorial, e não social”. Reportagem não é texto qualquer, como se percebe. É fruto de experiência “aventureira e heroica”, adjetiva Souza (2010, p. 81), corroborando a ideia de que repórter é aquele que se lança no universo das ocorrências a serem por ele retratadas. Ademais, suas diferenças em relação à notícia compreendem múltiplas distinções: além de não ser puramente um relato, abrindo-se a possibilidades narrativas, é menos imediata; exige tratar os assuntos a fundo, fugindo do tratamento superficial; e até mesmo a pauta (seu planejamento) é diferenciada, sendo menos rígida e, ao mesmo tempo, incorporando sinalizações diversificadas (LAGE, 2005, p. 139-140). Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 11) explicam, ainda, que a narrativa proporcionada pela reportagem – não “regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia” – desdobra as “clássicas perguntas a que a notícia pretende responder”, estando mais propensa a despertar o dito interesse humano. Outra de suas particularidades é se voltar – ao menos em essência – a “uma abordagem multiangular”, que permite “a compreensão da realidade que ultrapassa o enfoque linear, ganhando contornos sistêmicos no esforço de estabelecer relações entre as causas e as consequências de um problema contemporâneo”, segundo perspectiva apresentada por Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 21). Pretendendo-se ampla, intenta abarcar os fatos de modo a lhes dar sentidos para além das respostas ao *lead*. Por isso, a “humanização” e a “natureza impressionista” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 15) estão entre suas características.

- 3) Duas correntes metodológicas embasam a nossa investida. Em primeiro lugar, a que se ocupa das *histórias de vida* e as compreende como elemento significativo das ciências sociais. Deve-se asseverar que não se trata de trabalho biográfico, nos sentidos jornalístico e editorial; é, em essência, uma vertente dedicada a entender o

papel dos indivíduos na sociedade e, até mesmo, a própria sociedade ou seus possíveis recortes. Howard S. Becker (1999, p. 104) faz analogia entre essa investida e um mosaico, ao afirmar que “cada peça acrescentada [...] contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro e sua relação uns com os outros”. Embora haja maneiras diversas para adotar tal método, optamos pela forma da narrativa oral, isto é, os depoimentos concedidos por protagonistas de certo eixo da história, os quais são confrontados com outras fontes, a fim de confirmar a validade das informações. Num segundo momento, a corrente assimilada é a do *newsmaking*, interessada em investigar aspectos ligados diretamente ao trabalho dos profissionais da imprensa e pertencente ao que se convencionou denominar “sociologia dos emissores”, cujas articulações, segundo Mauro Wolf (2005, p. 194), se organizam em dois limites complementares e que se retroalimentam: “a cultura profissional dos jornalistas” e “a organização do trabalho e dos processos de produção”. Nesse caso, portanto, as atenções estão voltadas ao agir dos jornalistas – os “construtores” das notícias, os emissores –, inseridos em sistemas rotineiros de produção e compreendidos como intermediários entre os acontecimentos e o material noticioso a que a sociedade tem acesso. Busca, assim, contemplar as “diferentes etapas da produção”, isto é, “captação, tratamento, edição e distribuição da informação”, como identifica Aline Strelow (2010, p. 213). Logo, nosso trabalho se volta à trajetória de dois profissionais não com o intuito de biografá-los, mas, sim, com o de extrair vestígios de suas experiências no tocante ao fazer noticioso, seus hábitos, para a partir disso estabelecer debates sobre a particularidade que mais nos importa. Além dos conceitos sobre o método, vale acrescentar que, como recurso técnico, utilizamos a entrevista com os jornalistas, para poder recuperar momentos de seus percursos e identificar particularidades de suas ações. Como complemento, e a título de conferir informações, recorreremos às pesquisas bibliográfica e documental, que nos serviram, especialmente, para situar certas lembranças em seu devido tempo histórico.

- 4) Por fim, esclarecemos que a escolha dos sujeitos abordados – nomeadamente, Audálio Dantas e Ricardo Kotscho – se deu em razão de suas vastas experiências na área, tendo ambos mais de 50 anos de carreira, circulando por diferentes redações e acompanhando as transformações por que passou o jornalismo nas últimas décadas.

São, de fato, “testemunhas oculares” da história da imprensa brasileira, reconhecidamente ocupantes do lugar simbólico que ambicionamos desvendar⁴.

O repórter Audálio Dantas

Audálio Dantas se diz um sortudo por ter começado a trabalhar na grande imprensa, em São Paulo, justamente na época em que os jornais buscavam alternativas para ir além do noticiário cotidiano – da *notícia* –, investindo em *reportagens*, matérias elaboradas em torno de temas relevantes e não necessariamente datados. Nelas, encontrou espaço para revelar passagens da vida de “pessoas comuns”, conforme termo de seu uso.

No noticiário do dia a dia, ficou muito pouco, embora não saiba especificar quanto tempo. Chegou à *Folha da Manhã* em 1954, e sua tendência, desde o início, foi “sempre buscar a coisa elaborada”, fugir do *lead* e dos jargões típicos do jornalismo da época, os quais começavam a não ser aceitos pela geração que, naquele momento, ingressava na área. Autodidata, aprendeu a apurar na prática. E descobriu-se um “perguntador com certa eficiência”: “É o que deve fazer o repórter. Tinha dúvida sobre uma resposta, uma questão qualquer, eu voltava a perguntar”⁵. Exercitando, também encontrou maneiras para moldar os textos conforme a sua concepção, e não encaixando-os em padrões preestabelecidos ou em formas definidas. Daí, por exemplo, a aversão ao *lead* tradicional.

Marco significativo de sua entrada no ambiente de onde não mais saiu – o da reportagem – foi uma encomenda feita pelo editor Mario Mazzei Guimarães, na *Folha*: ir ao Nordeste, para relatar os efeitos da energia elétrica que por lá se espalhava, via Usina Paulo Afonso, na Bahia (a primeira – inaugurada em 1955 – das quatro que iriam constituir o complexo hidrelétrico de mesmo nome). A ideia era uma abordagem econômica, sobre os investimentos. E assim foi. Fez diversas “matérias técnicas”, em atendimento ao que lhe recomendaram. Tirou todas as dúvidas sobre a usina e sobre as implicações da ordem solicitada (custos, previsões, orçamentos, etc.). Cumpriu a obrigação. Mas não se contentou. Ficou mais tempo. Quis entender as mudanças na vida das pessoas que moravam nos arredores da hidrelétrica. Descobriu dois mundos: um, sustentado pela usina e pelas benfeitorias geradas a partir dela, e outro, à margem, onde havia se formado uma favela. Voltou a São Paulo cheio de material, e produziu vários textos – mais de dez, estima –

⁴ Como complemento às explicações de ordem metodológica, vale dizer que os jornalistas foram inquiridos a respeito de suas estratégias de trabalho, de suas rotinas e de suas percepções sobre o que fazem/fizeram, bem como sobre o posto que ocupam/ocuparam.

⁵ Todas as frases apresentadas entre aspas ou no recuo, neste tópico, correspondem a reproduções da entrevista concedida a nós, por Audálio Dantas, em 16 de outubro de 2013.

sobre essas histórias. Antes do regresso, ainda passou por Alagoas, coletando informações sobre o cultivo da cana-de-açúcar. Em sua terra natal, Tanque D’Arca – no sertão alagoano –, aproveitou para fazer matéria sobre a cidade onde o correio chegava a cavalo.

Há uma consciência explícita em Audálio de que cavar histórias cotidianas é uma tendência nata, ligada de algum modo às suas raízes, de homem nascido no interior nordestino. Não houve um aprendizado *a priori*, não houve deliberação. O interesse em dar visibilidade à vida das pessoas – especialmente às das classes populares, que estão na base da pirâmide social – foi o promotor dessa transição praticamente imediata das *hard* para as *soft news*, se quisermos usar os jargões norte-americanos. Tratar de assuntos não necessariamente datados foi caminho para o desenvolvimento de seu estilo.

Tanto é que eu trabalhei muito pouco no noticiário, fiquei pouquíssimo tempo, mesmo porque eu comecei a propor reportagens, pautas, que foram aceitas, na maioria dos casos. E eu tive relativa liberdade de atuação. Claro que, nos primeiros casos, eu tive as minhas falhas, e aí contei com a experiência de velhos jornalistas e alguns que estavam também participando daquele movimento.

O momento propício – de investimento da imprensa em histórias a serem contadas para além da notícia convencional e do nariz de cera⁶ – também contribuiu. É evidente que, dentro da máquina midiática – entendida como indústria –, não basta uma vontade individual dos profissionais. São necessários consentimentos e, mais do que isso, condições. Se o interesse pessoal conta muito, igualmente tem peso o respaldo da empresa⁷. Além disso, contou também, nesse caso, os superiores – secretário de redação, chefe de reportagem e preparador – terem apostado nas suas potencialidades, ao perceberem que o jovem jornalista tinha aptidão para desenvolver as matérias que ali se esperava. Deram-lhe – tanto na *Folha da Manhã*, no início, quanto nos outros veículos pelos quais passou, as revistas *O Cruzeiro*, *Quatro Rodas* e *Realidade* – suporte para esse exercício, o qual demanda, dentre outros requisitos, *tempo*.

Assim sendo, o tempo aparece como fator decisivo e fundamental para a qualidade do que se produz. É o que permite o pleno levantamento das informações (evitando a

⁶ Nariz de cera é “uma introdução vaga e desnecessária que toda notícia dispensa” (MARTINS, 1997, p. 184), muito usado, no Brasil, até a primeira metade do século 20. Há uma sensível diferença entre esse introito e a abertura envolvente. Isso porque o “nariz” tende à prolixidade. Além de demorar a entrar no assunto, acaba tornando o texto ruim, chato de ler. Com ele, “poucos leitores ultrapassariam o obstáculo para chegar ao segundo parágrafo, que abriga a notícia propriamente dita”, alega o manual da *Folha de S.Paulo* (MANUAL..., 2008, p. 86).

⁷ Referimo-nos, evidentemente, à ideia formal de imprensa, organizada em torno de interesses mercadológicos e que contrata jornalistas como funcionários. Mas não negamos nem desconhecemos as possibilidades de repórteres realizarem trabalhos individuais, livremente ou com patrocínio, sem quaisquer vínculos empregatícios ou respaldo de rubricas institucionais.

publicação de dados imprecisos, incorretos ou incertos), bem como a apreciação demorada ou não precipitada das cenas que serão narradas ou descritas – nos termos de Audálio, “o olhar é fundamental para a reportagem”, é preciso ter “condições de ver as coisas”. Igualmente, possibilita a boa redação, porque, às pressas, com o olho no *deadline* a ser cumprido em poucas horas, quase nunca se consegue escrever bem. Buscar “o” texto, a melhor narrativa, requer um período longo – ou relativamente longo – de trabalho.

No tocante à apuração, três estratégias se destacam nas considerações do jornalista: uma – já assinalada – é a importância do olhar sobre os acontecimentos, os lugares, as pessoas; a segunda, que complementa a primeira, é o desprendimento da pauta, não se engessando por ela e não indo direto ao assunto, permitindo-se observar os contextos; e a terceira corresponde à maneira de abordar os entrevistados, que deve ser sempre em tom de conversa, e não de interrogatório.

Entender a outra pessoa, isso é muito importante. E nunca ficar de cima, porque isso é um vezo, na maioria dos jornalistas. Ficar de cima: ele é um sujeito importante, é o intermediário da informação, então ele age assim, como um sujeito que é uma espécie de arauto das coisas, e não é. Então, ele deve perguntar, perguntar, e entender o outro, principalmente com pessoas mais simples. Não chegar de cima. Ficar no mesmo plano, deixar a pessoa à vontade. É isso. Isso é uma das coisas que levam a bons resultados na reportagem.

Se o olhar voltado a questões sociais e às figuras humanas é o que diferencia sua procura por informações, o mesmo cuidado se manifesta na elaboração do texto. Nesse ponto, o preparador – também chamado de copidesque – teve um papel decisivo, no início da carreira de Audálio, orientando-o sobre a melhor maneira de escrever. Depois, o desejo de não querer que seus textos fossem alterados também o levou a se aprimorar. Há uma procura pelo termo mais adequado, pelo que descreve com mais fidedignidade o cenário abordado ou, mesmo, dá ritmo à história; logo, qualquer alteração, feita por outrem, modifica o que se apurou. “Pra mim, era uma desfeita que desmanchasse um parágrafo, um texto. Mais em função da busca, da procura. [...] E, com isso, eu comecei a caprichar muito no texto”, confessa.

Essas produções exigem que sejam entendidos o contexto e as correlações, as quais são próprias da vida, da sociedade, das situações diversas. Não é somente uma coleta de dados. É uma tarefa de compreensão, ultrapassando a aparência. Isso se nota, por exemplo, em “O circo do desespero”, texto originalmente publicado na revista *O Cruzeiro*, em 23 de março de 1963, e depois republicado em livro homônimo, em 1976, e, mais recentemente,

em *Tempo de reportagem* (DANTAS, 2012b, p. 34-43). O tema é um concurso de resistência realizado durante o Carnaval de São Paulo, no qual os concorrentes dançavam até não aguentar mais ou até serem desclassificados por alguma falta cometida, sendo que os últimos resistentes recebiam premiações. Seu empenho, ali, não foi apenas descrever o episódio, mas o de acompanhar o desenrolar da história e de entender o que se passava com aquelas pessoas numa situação nitidamente indigna.

Feito isto, a busca subsequente é pela maneira certa de colocar as impressões no papel. O que não é fácil. “É a angústia do primeiro parágrafo e a alegria do ponto final”. Não pode ser sempre igual, principalmente quando se trata de assuntos já explorados pela imprensa ou, na mesma direção, de pessoas cujas histórias já foram reveladas, como – para citar seus livros mais recentes – a do jornalista Vladimir Herzog, morto nos porões da ditadura militar (DANTAS, 2012a), ou a de Luiz Gonzaga, o rei do baião (SANTANA & DANTAS, 2014). Há um permanente intento de contar as histórias, mesmo as mais conhecidas, com outras palavras, sob outro ponto de vista, com outra entonação.

Vê-se, portanto, que a capacidade inventiva pode (e deve) ser incorporada pelo jornalismo, sem que isso signifique mentir, inventar fatos ou deturpar informações. A inclusão de certos incrementos, como o elemento lúdico, é que torna o texto agradável e garante o reconhecimento – pelos pares e pela audiência em geral – de que se trata de obra de qualidade a ser reverenciada.

O repórter Ricardo Kotscho

Ricardo Kotscho chegou ao jornalismo no ano em que a ditadura militar foi implantada no Brasil: 1964. Ainda assim, era pré-AI-5, e as experimentações no âmbito da imprensa ainda estavam em ebulição. Com uma diferença, porém, em relação a Audálio Dantas: Kotscho já pertence a uma geração que contava com modelos brasileiros nos quais podia se inspirar.

Começou em jornais de bairro. Na grande imprensa, passou a trabalhar em 1967. Por essa época, tinha apreço por duas publicações: *Realidade* e *Jornal da Tarde*. O motivo é que elas abriam espaço para os jornalistas contarem histórias. “Porque eu acho que o jornalista é um contador de histórias”⁸. Mas não foi trabalhar em nenhuma delas. Entrou para o *Estadão*, considerado o oposto do que se fazia nesses outros títulos: conservador, tradicionalista, que primava pelo texto começado pelo *lead*. Ele não se importou: “eu era

⁸ Todas as frases apresentadas entre aspas ou no recuo, neste tópico, correspondem a reproduções da entrevista concedida a nós, por Ricardo Kotscho, em 23 de outubro de 2013.

um cara muito indisciplinado” – e procurava cobrir as lacunas deixadas, nesse sentido, pelos colegas. “Não é que isso fosse um estilo, nada disso, é que, como tinha muito repórter lá, eu procurei um nicho de mercado, como se fala hoje”.

Contrariar as normas é algo que se repetiria na *Folha de S.Paulo*, na década de 1980, quando lá atuava e foi implantado o manual de redação⁹. Acabou se tornando um diferencial. Era pautado para cobrir as “histórias paralelas”, como ele próprio se refere, aludindo ao que, em inglês, chamam de *side story*. Quando a rainha da Inglaterra, Elizabeth II, esteve no Brasil, em 1968, acompanhou todo o percurso feito pela monarca, do Recife até São Paulo, revelando passagens inusitadas. Em finais de campeonato, costumava ser mandado para “fazer o outro lado do jogo”: “vestiário”, “banco de reservas, para ouvir o técnico”, “assistir ao jogo no meio da torcida”.

Se teve influência de leituras, elas são de antes de 1967. Naquele ano, ingressou na primeira turma do curso de graduação em jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) – o qual não chegou a concluir – e, como já trabalhava, parou de ler regularmente: “eu tive que escolher entre escrever ou ler. E eu trabalhava muito, viajava muito, o caramba e tal, e não sou um bom exemplo de leitura, mas escrevi bastante”. Inspiração maior são a perspicácia e a curiosidade. Nunca se dá por vencido. Se não consegue contar a história de um jeito, consegue de outro. Isso lhe rendeu até um apelido: “repórter do pipoqueiro”. Foi numa visita de Costa e Silva à capital paulista. O marechal estava doente. Ficou hospedado no Palácio Horto Florestal – residência de verão do governador do Estado de São Paulo –, e de lá não saiu. Nada acontecia. Era domingo. Por essa época, o *Estadão* não circulava às segundas. Logo, qualquer matéria que fizesse só sairia na terça, quando, provavelmente, o presidente da República já teria ido embora. Um de seus colegas cobria a parte política. Kotscho era da “geral”. O jeito foi se virar com o que tinha à mão: “um movimento em volta de um pipoqueiro”.

As pessoas estavam lá, conversando coisas da vida. Era o único lugar que tinha movimento. E, aí, eu perguntei se eles sabiam quem estava lá, por que tinha aquele monte de carro... A maioria não tinha a menor ideia. Aliás, alguns nem sabiam quem era o presidente da República, e falavam dos seus problemas. Então, eu fiz uma matéria em cima disso. E, pra me sacanear, os mais velhos – eu era o mais novo, me chamavam de Ricardinho, no *Estadão*, eu sempre fui o mais novo lá... – começaram a

⁹ A primeira normatização de regras de redação na *Folha de S.Paulo* aparece em 1959, com o livro *Normas de trabalho da divisão de redação*, descrito pelo diretor Nabantino Ramos, “em paralelo à normatização de processos de produção e trabalho”. Mas “o primeiro manual da *Folha* (intitulado ‘Manual Geral da Redação’), publicado inclusive para o público externo, [só] foi editado em 1984 [...], longamente preparado durante a gestão de Boris Casoy como diretor de redação” (CAPRINO, 2001, p. 48).

me chamar de “repórter do pipoqueiro”. Eu fiquei com essa marca, que era jocosa, mas que eu acabei assumindo, e até hoje eu procuro isso: eu procuro sempre ver o outro lado das coisas.

Quando foi correspondente do *Jornal do Brasil* na Alemanha, entre 1977 e 1978, além de cobrir os assuntos agendados – como o Carnaval ou a Feira do Livro de Frankfurt, por exemplo –, escrevia sobre histórias de gente comum. Viajava muito de trem, e nessas ocasiões conversava com as pessoas, aleatoriamente, e dos diálogos surgiam matérias a respeito de como era a vida do alemão. A tática se manteve constante entre seus métodos de trabalho. Mais recentemente, já repórter de *Brasileiros*, não raro parava em alguma estrada, em algum posto de gasolina ou num boteco qualquer. E assim levantava pautas interessantes, curiosas, reveladoras desse “outro lado” a que se refere. Em 2008, numa estrada entre Belo Horizonte e São João del-Rei, em companhia do fotógrafo Hélio Campos Mello, notou uma cena curiosa: um homem, “de chapéu”, “sempre olhando para o mesmo lado”, picando fumo para vender. Uma “figuraça”. Na volta, o senhorzinho, no mesmo lugar, no mesmo movimento. Pararam. Foram saber quem era. Descobriram um verdadeiro “personagem de Graciliano Ramos”, até pela “maneira de falar, de se expressar”. Uma pessoa feliz. Questionado sobre o que faltava em sua vida, o personagem respondeu: “Nada”. “Então, era a matéria: um cidadão comum, que picava fumo, vivia disso e estava feliz”.

Durante o governo Collor, nos anos 1990, foi a Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, descobrir como a crise econômica estava atingindo a região mais rica do país. Mas a pauta caiu. Não havia nenhum reflexo significativo, poucos dados, “não dava uma matéria boa”. Quando estava indo embora, viu um ônibus parado, com um anúncio: “Sensacional! Hoje, mulher montanha”. Foi ver. “Era uma mulher enorme de gorda, com o marido magro, que era o empresário dela (risos), e a filha, adolescente, que viajavam nesse ônibus, iam pras cidades, com alto-falante, e desafiavam os homens a enfrentar a mulher, no circo”. Para aquela família, os problemas da economia nacional já se mostravam. O movimento havia caído, menos pessoas procuravam o circo. Uma maneira de mostrar a crise, “por um outro ângulo, que não é ouvir associação comercial, empresários, sindicato”.

Esta é a antítese do que fazem os “filhos da pauta” (KOTSCHO, 2004, p. 187), aqueles que são motivados apenas por buscar informações previstas e/ou preconcebidas. E buscar essas “histórias paralelas”, como se vê, não é apenas para cobrir o espaço da pauta derrubada. Elas se encaixam em meio a outras abordagens, como foi o caso da cobertura da Caravana das Diretas – uma campanha pela volta das eleições diretas e do regime democrático –, iniciada em 1983 e que teve seu ápice em abril de 1984, quando os

brasileiros, vestidos de verde e amarelo, foram às ruas gritando “Diretas já!”. Kotscho acompanhou o movimento. Fez uma série de matérias para a *Folha de S.Paulo*, logo em seguida compiladas no livro *Explode um novo Brasil* (KOTSCHO, 1984). No prefácio, o deputado Ulisses Guimarães (1984, p. 9) disse que “o jornalista de raça é um mágico. Transfigura o anônimo em notável, celebra o despercebido, enquadra o texto no contexto”.

É clássica uma advertência de Ricardo Kotscho (2002, p. 12): “lugar de repórter é na rua”. E, de fato, é. Principalmente quando se espera oferecer mais do que a informação seca e direta da notícia ou fugir do “jornalismo declaratório”, “sem vida, sem graça”, descontextualizado. Seus métodos de apuração mostram bem isso: a) conversar com todo mundo; b) não se prender à pauta (mesmo sem ela é possível fazer um bom trabalho); c) perceber as intenções do entrevistado (no que diz, no que não diz, no que tem à volta, enfim, ter uma certa malícia); d) observar os ambientes, as pessoas, os detalhes aparentemente sem importância. Um automóvel parado pode revelar uma situação relevante. E tudo isso só se aprecia *in loco*. Ele exemplifica:

Fui fazer uma matéria sobre os dez anos do Bolsa Família, numa cidadezinha do Vale do Ribeira, chamada Barra do Chapéu [...], que é, proporcionalmente, a cidade que mais recebe Bolsa Família. Acho que 90% da população ou coisa assim. O que mudou na vida dessas pessoas em 10 anos? Por coincidência, o fotógrafo que foi comigo, tinha ido pela *Veja*. Foi ele que me deu a dica desse lugar. Só que ele não foi com o repórter. O repórter fez a matéria por telefone, ligou pra prefeitura, pediu lá os dados [...]. Isso é a morte pra reportagem. Impossível você fazer.

Diz o adágio popular que uma imagem vale mais do que mil palavras. Para Kotscho, são formas simultâneas: “não adianta uma boa imagem sem a história”. “Tem que andar junto e, se possível, o texto tem que traduzir essa imagem”. É aí que entra o preparo do texto. Há dois caminhos básicos, em seu modo de fazer. O primeiro, antigo, quando tinha mais tempo e o processo de apuração se estendia, às vezes, por meses, era ir elaborando esquemas, em seu inseparável caderno de anotações, que organizam a estrutura e a ordem das informações; o que mais se privilegiava, nesse caso, era a abertura – entendida ali como a parte principal –, que surgia de “uma cena” ou de “uma frase” que se registrava. “Eu anotava aquilo com destaque, enquadrava no caderno, marcava, e, aí, ao longo da viagem, ia acrescentando algumas coisas que eram importantes pra abertura da matéria”.

A segunda possibilidade – adotada hoje, quando não há mais tanto tempo para se fazer uma matéria, ainda que especial – é apurar e sentar-se para escrever sem saber como será, sem ter ideia “do que é mais importante”. Também funciona. Nesse procedimento,

aliás, o jornalista notou que não é preciso começar com o “mais importante”, que pode ficar mais “lá pro meio”: “você vai prendendo a atenção do leitor até chegar naquele momento”. O mérito desses trabalhos é descobrir maneiras de contar as histórias, que devem sempre ser diferentes. É não ter uma técnica engessada, “porque se você tem uma fórmula, você fica repetitivo, o cara sabe o que vai encontrar”. “O mais legal é surpreender o leitor”.

É um pouco como novela, também: o cara não pode chegar no primeiro capítulo e entregar tudo, quem casa, quem morre. Então, às vezes, eu começo com uma coisa, com um detalhe, uma coisa pequena, uma imagem, um cenário, alguma coisa e tal, e aos poucos eu vou contando a história, sem me preocupar... [...]. O final da matéria é tão importante quanto o começo.

A comparação com o formato ficcional pressupõe um trabalho orientado a cativar o leitor, mexendo com a sua curiosidade, os seus sentimentos. Pode-se fazer o leitor, então, “ou rir, com uma história engraçada, ou chorar, com uma história triste, ou pensar alguma coisa com o fato, pensar sobre aquilo. O ideal é que você consiga fazer as três coisas na mesma matéria. Até um velório pode ter coisa engraçada, e pode fazer você pensar na vida”. Por isso mesmo, o alicerce é a própria história. É preciso procurá-la, entendê-la. E mais: “nunca brigar com os fatos”, não contestá-los em razão de preferências (políticas, esportivas, religiosas, etc.). Obviamente, o jornalista, que vive numa dada cultura e é fruto dela, tem seus filtros. Mas contar as vivências alheias demanda eximir-se de preconceções. Deve-se fidelidade aos fatos, ainda que haja incompreensões por parte da audiência. “As pessoas acham que é meio-ficção, meio-realidade. Não tem meio! Ou é fato, ou não é fato”. A estética não deve interferir no vínculo com o mundo real. Por outro lado, a bela forma não deixa de ser significativa. A experiência de Kotscho revela a necessidade de alcançá-la, chegando, primeiro, a um texto do seu próprio gosto, pois conseqüentemente o será do leitor (o qual, com o tempo, vai se tornando público cativo). “Todo mundo que escreve quer ser lido”, mas “se você não gostar do que você fez, ninguém vai gostar”.

Parece claro, também, que há leitores e leitores. Como resposta, o jornalismo age regularmente na intenção de atender a múltiplas expectativas. Não obstante algumas predominâncias – como, no caso do Brasil, o grande “volume de noticiário gerado por Brasília, pelo governo, ou por órgãos governamentais, oficiais” – e o elemento comum denominado “novidade”, há sempre “temperos diferentes” que vão agradar mais a esta ou menos àquela pessoa. “O jornalismo é meio supermercado”, diz Kotscho, e o público “cria hábito com determinados produtos, assim como com determinados jornalistas”. Sua opção é

voltar-se a quem não quer só saber dos problemas do mundo, mas também quer conhecer outras facetas, contemplando essas histórias como se assiste a uma novela, para usar a comparação antes exposta. A lógica é esta:

O cara assiste telejornal à noite, qualquer um, se prestar atenção em tudo aquilo, então é um tiro na cabeça. Se ele pega o jornal no dia seguinte, que é mais ou menos a mesma coisa, ele dá outro tiro na cabeça. Quer dizer, ele pode se matar várias vezes ao dia lendo a internet... Agora, a vida não é só isso. Não que você vá fugir da realidade, não é dar uma de Pollyanna, não é isso. Mas, como na vida de todos nós, também na vida de um país tem coisas boas e coisas ruins, e você tem que estar atento pra isso, aberto pra isso, independentemente de governo. [...] E eu sempre procurei fazer um trabalho mais junto à sociedade.

As opções de trabalho do repórter – como a que valoriza a proximidade com os cidadãos, em detrimento das fontes oficiais – estão relacionadas à autoria. O que contar e a maneira de contar são autorais. Revelam talento e percepções. O estilo. “Você tem que respeitar a tua natureza”. O que, por outro lado, é um dos motivos que geram os embates dentro das redações¹⁰. Deixar marcas autorais requer competência e anuência. Repórter não gosta de ter o texto mexido, como já dissemos. Por isso, empenha-se em gerar o que se denomina “texto final” – não carente de grandes correções –, o que acaba se tornando sua marca. Mesmo quando a matéria não é assinada, como ocorreu, na *Folha*, por um período, logo que implantado o manual de redação. “Isso é coisa do Kotscho, então deixa ele”, costumavam dizer. Ainda que sem assinatura, sabia-se de quem eram os textos que fugiam aos padrões do “mané da redação”, como o apelidou. “Eu acho que todo jornalista deve ter respeito por si próprio, por aquilo que acredita”. Consequentemente, conquista seu espaço.

Uma breve reflexão sobre a identidade profissional do repórter

Na apresentação de livro que reúne autobiografias de expoentes do jornalismo no Brasil, Audálio Dantas (2004, p. 9) – também organizador do volume – conta que, durante uma entrevista, Acácio Ramos, que trabalhava na “antiga *Folha*”, sintetizou, “a um figurão irritado com a insistência do repórter em perguntar”, a essência de seu trabalho: “Repórteres, meu senhor, são pessoas que perguntam”, teria dito ele. A frase virou folclore nos bastidores das redações. E, ao que parece, internalizou-se na percepção dos

¹⁰ No caso de Ricardo Kotscho, a “luta” pelo espaço só foi travada no início, quando procurava escrever, no *Estadão*, tal como faziam seus colegas em *Realidade* e no *Jornal da Tarde*. Depois disso, todos os veículos em que trabalhou foram por meio de convite. Isso significa que as empresas já conheciam o seu modo de trabalhar e o consideravam oportuno.

profissionais. Não por acaso, tanto Audálio quanto Kotscho, pelo que vimos, sinalizaram a característica primeira do repórter: a de ser um questionador.

Outras particularidades lhe conferem delineamento: a de ser inquieto, a de não admitir ser “filho da pauta”, a de enxergar o que a maioria não vê a “olho nu” (e assim é possível porque se apura, observa, explora o fato com atenção) ou, ainda, a de buscar o olhar diferenciado. Ser repórter, segundo as noções que aqui nos foram apresentadas e conforme pudemos perceber pela leitura das experiências relatadas, destoa completamente do “burocrata da notícia” (ADGHIRNI, 2005, p. 47) em que se converteu grande parte dos jornalistas, em razão especialmente das crises por que tem passado a imprensa desde o final do século 20, bem como a figura do “jornalista sentado” (PEREIRA, 2004) – ou do “jornalista de gabinete” (DINES, 1986, p. 94) –, aquele que redige matérias sem sair da redação, apurando via telefone ou outros dispositivos tecnológicos, sem contato direto com os lugares e os sujeitos envolvidos nos acontecimentos.

Repórter também é o sujeito que busca a excelência do texto. É seu “cartão de visita”, por assim dizer. Não se contenta em seguir padrão. Busca estilo, autoria. Luta para poder fazer o que acredita e da maneira como acredita. Batalha para fazer “bem feito”. Não é à toa que muitas reportagens, como as que escreveram Audálio e Kotscho, são compiladas em livros, em razão de sua qualidade textual, que acaba por tornar sua atualidade muito mais duradoura do que a edição do jornal ou da revista. Essa qualidade é, em parte, fruto da própria capacidade do sujeito (de seu talento), mas também é resultado de um trabalho de apuração bem feito e exaustivo.

Por tudo isso é que podemos afirmar que a identidade do repórter não está apenas na ocupação de um cargo. Está no seu agir, especialmente no que tange ao processo de levantamento de pautas e de informações a seu respeito. É o empenho em realizar um trabalho com as particularidades vistas que garante a um jornalista o *status* de repórter, em detrimento dos rótulos de “burocrata” e/ou “sentado”.

Evidentemente, estamos tratando do “ser repórter” em seu sentido arquetípico (e até mesmo romântico). Audálio e Kotscho são profissionais com trajetórias de destaque e com experiências privilegiadas, em razão, justamente, dos trajetos singulares que trilharam (incluindo tanto as situações vivenciadas como as empresas por que passaram e, mais, os momentos em que nelas estiveram). É certo, também, que ingressaram no jornalismo num tempo em que a paixão pelo exercício da profissão falava mais alto do que outros interesses. Por conseguinte, suas percepções notadamente carregam traços desse otimismo

em relação às práticas jornalísticas. Porém, não se pode negar que a forma plena com que desenvolveram/desenvolvem suas atividades e o modo como as encaram estão estreitamente relacionados ao padrão de jornalismo que se configurou como instituição no meio social: aquele que age pelo bem comum e que se lança ao desconhecido para revelar o que muitas vezes está escondido ou passa despercebido.

Considerar tudo isso, no entanto, não significa deixar reconhecer que esse modelo ideal de profissional, vislumbrado nas falas aqui recuperadas, encontra uma série de embates em *campo*. Os jornalistas sentados, que não ultrapassam o cumprimento de burocracias, podem também se intitular repórteres. Há, ainda, aqueles que fazem matérias tão somente com base em bancos de dados e que igualmente se dizem repórteres. Temos consciência, portanto, de tais problemáticas, mas assumimos que elas permanecerão em aberto, sendo variáveis a ainda serem exploradas em nossas pesquisas. Por ora, as experiências dos repórteres aqui priorizados ajudam-nos a entender que o lugar simbólico de que estamos falando desde o início destas linhas é primordialmente demarcado pelos métodos de trabalho adotados, os quais pressupõem disposição e – principalmente, talvez – condição para se realizar, tal como afirmamos em nossa tese. Isso significa que não basta querer ou ter aptidão para tanto; é preciso anuências, recursos, espaço.

A combinação desses elementos propicia, enfim, a prática da reportagem, conforme brevemente revisado em tópico anterior. E a reportagem, em seu vigor de trazer à luz histórias cotidianas geralmente despercebidas, mas cheias de significado no meio social, sinaliza o lugar que, simbolicamente, o repórter ocupa. Processo cíclico, garante a manutenção do jornalismo – também em termos de arquétipo –, e não permite que o trabalho da imprensa se resuma a mera distribuição de informações (tarefa já realizada – e, em alguns casos, muito bem – por cidadãos que não necessariamente jornalistas). A essência do jornalismo, portanto, parece estar aí: no repórter que atua – ou pode atuar – como o “das antigas”. Em seu desempenho. Em seus métodos. A identidade desse profissional é, em última análise, a identidade da própria área.

Referências

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 45-57, 1º sem. 2005.

- ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional**: função, contornos e práticas na imprensa brasileira. 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CAPRINO, Mônica Pegurer. **Questão de estilo**: estudo sobre o texto jornalístico e os manuais de redação. 2001. 85 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.
- CASCAIS, Fernando. **Dicionário de jornalismo**: as palavras dos media. Lisboa: Verbo, 2001.
- DANTAS, Audálio. **As duas guerras de Vlado Herzog**: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012a.
- _____. **Tempo de reportagem**. São Paulo: LeYa, 2012b.
- _____. Seres que perguntam. In: _____. (Org.). **Repórteres**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004. p. 9-14.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.
- FARO, J. S. Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura. **Verso & Reverso**, São Leopoldo, v. 27, n. 65, p. 77-83, maio/ago. 2013.
- GUIMARÃES, Ulisses. O batismo é do povo. In: KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**: diário da campanha das diretas. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 9.
- JORNALISTA. São Paulo: Publifolha, 2006.
- KOTSCHO, Ricardo. O pipoqueiro e os filhos da pauta. In: DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004. p. 183-197.
- _____. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Explode um novo Brasil**: diário da campanha das diretas. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. atual. Barueri: Manole, 2009.
- LOBATO, Elvira. **Instinto de repórter**. São Paulo: Publifolha, 2005.
- MANUAL da Redação: Folha de S.Paulo. 13. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23-41.
- MARTINS, Eduardo. **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo**. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

PEREIRA, Fábio Henrique. O jornalista sentado e a produção da notícia on-line no *Correio Web*. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2004.

SANTANA, Tiago; DANTAS, Audálio. **Céu de Luiz**. São Paulo: Tempo d'Imagem, Sesc, 2014.

SETTI, Ricardo. É melhor ser repórter ou diretor de redação? In: NOGUEIRA, Nemércio (Coord.). **Jornalismo é...** Rio de Janeiro: Xenon, ABA, ABI, 1997. p. 85-89.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

STRELOW, Aline. Reflexões sobre método de pesquisa em jornalismo e uma proposta oriunda do campo. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Claudio (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 205-226.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.